

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro
Estudo 4 - "A visão do futuro"
Jeremias 31 a 40

Elaborado por Pedro Vieira Veiga
pedrovieiraveiga@hotmail.com

Quando Zedequias se recusa a pagar o tributo à Babilônia, Nabucodonosor age de imediato e poucos meses depois fecha o cerco em torno de Jerusalém. Nesta semana lemos sobre alguns dos principais eventos que ocorreram neste período tão crucial da história de Judá, que vai do dia em que o cerco começa – 5 de janeiro de 587 a.C. – até o dia da invasão da cidade – 19 de julho de 586 a.C. Assim, vamos começar o nosso encontro revendo estes acontecimentos.

Já no início do cerco, Jeremias anuncia ao rei que Jerusalém cairá. Pouco depois, um pequeno exército egípcio chega à Judéia e Nabucodonosor é forçado a levantar o cerco para lidar com ele. O povo, e principalmente os poderosos, vêem isso como um ótimo sinal e resolvem até voltar atrás em sua promessa de libertar os escravos hebreus. Jeremias então denuncia esta atitude como mais um enorme desrespeito para com o Senhor e anuncia que os babilônios voltarão para terminar o que haviam começado. Ainda neste período em que o cerco havia sido levantado, Jeremias tenta ir até a sua cidade natal, Anatote, para receber uma herança, mas o chefe da guarda o vê e o prende sob a alegação de estar desertando.

Algum tempo depois, a profecia de Jeremias se concretiza e o exército de Nabucodonosor retorna vitorioso da batalha com os egípcios para retomar o cerco. Zedequias então manda buscar Jeremias e pergunta-lhe se ele tem alguma palavra do Senhor para ele. Jeremias novamente anuncia-lhe a queda

de Jerusalém, mas aproveita para pedir a sua transferência para o pátio da guarda, o que de fato acontece. Contudo, ao chegar lá Jeremias começa a exortar os guerreiros a se renderem, o que causa a ira dos príncipes de Judá. Estes então jogam-no dentro de uma cisterna, onde o profeta certamente morreria se não tivesse sido salvo por Ebed-Melec, que pedira a permissão do rei para libertá-lo.

É então que acontece um fato muito interessante na vida de Jeremias, justamente neste momento em que, quase sem esperanças e tendo sofrido tanto, ele havia – literalmente – tocado o fundo do poço. Seu primo Hanameel vem até ele, no pátio da guarda, e pede que ele compre um campo em Anatote. É uma proposta totalmente absurda; a cidade está cercada e a sua destruição já é quase certa. Jeremias definitivamente poderia ter pensado que melhor seria investir em terrenos na lua. Contudo, ele percebe que através daquela situação Deus estava oferecendo-lhe mais uma chance de ter – e dar – esperança. Assim ele compra o terreno para que todos soubessem que “de novo serão compradas propriedades nesta terra, da qual vocês dizem: ‘É uma terra arrasada, sem homens nem animais, pois foi entregue nas mãos dos babilônios.’” (32.43)

Após este evento Zedequias ainda vem falar com Jeremias mais uma vez, e novamente Jeremias lhe repete que o único caminho é a rendição. Mas mesmo assim o rei não lhe dá ouvidos. Por fim, após seis meses de cerco, Jerusalém é invadida e o rei foge, sendo capturado

próximo a Jericó. Ele é então levado para a presença de Nabucodonosor, que o julga e o condena a assistir à morte de seus filhos, a ter seus olhos furados e a ser levado, em correntes, para a Babilônia.

Bem, agora que já cobrimos todos estes acontecimentos, creio que podemos parar um pouco e refletir sobre uma pergunta um pouco, digamos, diferente: Jeremias foi, ou não foi, um desertor?

Eu sei que esta questão deve soar muito estranha nos seus ouvidos, apesar de você saber que Jeremias foi, lá no capítulo 37, acusado de tentar desertar quando saía da cidade. Mas uma coisa é o chefe da guarda suspeitar isso, outra coisa somos nós admitirmos esta hipótese! Mas, mesmo assim, sigamos em frente.

Quais são as acusações que pesavam sobre ele? Bom, Jeremias antes mesmo de os babilônios chegarem já dizia que Jerusalém não tinha chance de escapar-lhes. Quando o cerco foi estabelecido então, essa mensagem não saía de seus lábios. Ele foi capaz de exortar não só o rei a se entregar, mas também o seu próprio exército. E Jeremias, ainda por cima, comprou um campo em território dominado pelos inimigos que cercavam Jerusalém. Para que possamos ver esta questão ainda com mais clareza, vamos trazê-la para os nossos dias. Imagine que o Brasil está totalmente cercado por inimigos terríveis e sanguinários. Então aparece um sujeito bem em frente do Palácio da Alvorada querendo falar com o presidente. Quando este finalmente o recebe, ele lhe diz que o país tem que se entregar. O presidente o manda embora, mas ele insiste tanto que acaba preso em um quartel. Lá dentro, ele não para de dizer para os soldados que eles têm que fugir! Quem teria dúvidas que este

homem é um traidor da pátria, e talvez até mesmo um espião?

O julgamento de Jeremias por parte de muitos que viviam em Jerusalém – e que, com certeza, não tinham nem idéia do que viria a ser a liberdade de expressão – não deve ter sido diferente. Para eles, que, como nós, agiam e pensavam segundo suas leis e costumes, Jeremias era de fato um desertor altamente subversivo.

Mas então, por que será que as palavras de um homem considerado um criminoso atravessaram 2500 anos e chegaram até nós?

A resposta é simples e perturbadora: as palavras de Jeremias chegaram até nós porque ele foi um homem que, como disse Søren Kierkegaard, deu um salto de fé, mesmo que isto significasse quebrar a lei.

Não pense, contudo, que isto significa que Jeremias desprezava a lei de seu povo, mesmo que estejamos falando da lei civil. Muito pelo contrário. Ele provavelmente a amava e a respeitava mais do que todos os outros homens de sua época. Porém, Jeremias não amava a lei por qualquer qualidade sua em preservar a ordem, ou qualquer coisa do gênero. Jeremias a amava por saber que ela vinha do Deus que ele amava sobre todas as coisas. Portanto, a lealdade de Jeremias não estava com a lei, mas com o aquele que criara a lei. E Jeremias sabia que se Deus criara a lei, ele poderia muito bem abrir mão dela ordenando que seus servos fizessem o mesmo. E foi exatamente isso que aconteceu!

Mas sendo assim, você deve estar pensando que Jeremias tinha uma excelente justificativa! Sem dúvida. Mas será que ter uma justificativa é o mesmo

que ser justificado? Não. Apesar da sua justificativa ser maior que qualquer outra, ela era simplesmente inútil para Jeremias, aos olhos da lei. Aos olhos da lei nada poderia justificá-lo já que Deus está além da lei – ela simplesmente não pode compreendê-lo em sua totalidade, sendo sua criatura. Mas mesmo sabendo disso Jeremias seguiu em frente por amor do seu criador.

O que será que nós podemos aprender com esta sua atitude hoje em dia?

Nós também servimos o mesmo Deus de Jeremias, o Deus que criou os céus e a terra é tudo mais que existe. De fato, foi ele quem criou os nossos pais, o nosso pastor, a Igreja e a Bíblia. Por isso, nós amamos estas coisas: o nosso tão grande Deus as criou e entregou-as para nos servir de guia, auxílio e companhia. Mas a nossa lealdade última não está com nenhuma delas ou mesmo com qualquer outra coisa além de com o próprio Deus. É ele o motivo da nossa existência. É ele

o único digno de toda glória, majestade, poder e autoridade. Quando estamos diante dele, nada mais deve ter importância.

Jeremias percebeu e viveu isso até as suas últimas conseqüências. E por isso, até hoje as suas palavras tocam os corações e nos confrontam com a possibilidade de uma vida vivida perante o Senhor. Mas será que nós estamos nos abrindo para este confronto ou será que estamos nos escondemos por detrás de nossas certezas? Será que nós queremos verdadeiramente ouvir a voz de Deus ou será que desejamos ouvir Deus dizer só aquilo que nós queremos ouvir?

Só quem pode saber o que o Senhor dirá é o próprio Senhor. Por isso, mais do que por qualquer outro motivo, ouvir a voz de Deus não é, nem nunca foi, fácil. Haja vista a vida do profeta Jeremias. Mas se é para isso que Deus nos chama, então é para isso que Deus nos chama. Ouçamos a sua voz.